

COTIDIANO FAMILIAR DE USUÁRIOS DO CENTRO DE ATENÇÃO PSICOSSOCIAL NO CONTEXTO DA PANDEMIA DE COVID-19

FAMILY DAILY LIFE OF USERS OF THE PSYCHOSOCIAL CARE CENTER IN THE CONTEXT OF THE COVID-19 PANDEMIC

DOI: 10.16891/2317-434X.v13.e3.a2025.id2481

Recebido em: 13.11.2024 | Aceito em: 28.07.2025

**Patrícia Anjos Lima de Carvalho^a, Gemilly de Jesus Nascimento^a, Samara Santos Souza^{a*},
Vanessa Meira Maia^a, Angelle Matias Melo^a, Edite Lago da Silva Sena^a**

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB, Jequié – BA, Brasil^a
***E-mail: samsouza99@outlook.com**

RESUMO

A pandemia de COVID-19 repercutiu de forma significativa na vida cotidiana das famílias, especialmente naquelas que convivem com o sofrimento mental. Este estudo teve como objetivo descrever o cotidiano familiar de usuários do Centro de Atenção Psicossocial no contexto da pandemia de COVID-19. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, fundamentada na fenomenologia da percepção de Maurice Merleau-Ponty. A produção dos dados ocorreu por meio de entrevistas fenomenológicas com três usuários do CAPS II e seus respectivos familiares (três familiares), realizadas entre março e junho de 2023, no município de Jequié, Bahia. Para a análise das descrições adotou-se a técnica da analítica da ambiguidade. As descrições vivenciais revelaram duas categorias temáticas: (1) ressignificação do cotidiano durante e após a pandemia como transcendência do com(viver) familiar; onde refletimos sobre as experiências individuais e grupais do cotidiano familiar de usuários do CAPS. E (2) (re)conhecimento e valorização do outro frente às mudanças ocasionadas pela crise sanitária, onde nos ocupamos em compreender, os sentimentos expressos em um período que distanciou e aproximou, resultando em reconhecimento de si e do outro. Os resultados evidenciam que, apesar das adversidades, o período favoreceu a reconstrução de vínculos, a ampliação do cuidado familiar e a emergência de sentidos existenciais. O estudo reforça a importância de estratégias em saúde mental que incluam a família como núcleo ativo do cuidado.

Palavras-chave: COVID-19; Enfermagem; Saúde Mental.

ABSTRACT

The COVID-19 pandemic has had a significant impact on the daily lives of families, especially those living with mental suffering. This study aimed to describe the daily family life of users of the Psychosocial Care Center in the context of the COVID-19 pandemic. This is a qualitative study based on Maurice Merleau-Ponty's phenomenology of perception. Data were produced through phenomenological interviews with three CAPS II users and their respective family members (three family members), conducted between March and June 2023, in the city of Jequié, Bahia. The ambiguity analysis technique was adopted to analyze the descriptions. The experiential descriptions revealed two thematic categories: (1) redefinition of daily life during and after the pandemic as a transcendence of family co-existence, where we reflected on the individual and group experiences of the daily family lives of CAPS users. And (2) (re)cognition and appreciation of others in the face of changes caused by the health crisis, where we are concerned with understanding the feelings expressed in a period that distanced and brought people closer, resulting in recognition of oneself and others. The results show that, despite the adversities, the period favored the reconstruction of bonds, the expansion of family care and the emergence of existential meanings. The study reinforces the importance of mental health strategies that include the family as an active core of care.

Keywords: COVID-19; Nursing; Mental Health.

INTRODUÇÃO

A pandemia da COVID-19 afetou diversos aspectos da vida humana, tais como: políticos, econômicos e sociais. Entre os impactos mais observados, notam-se as alterações na saúde mental da população, desencadeadas pelo medo, isolamento social e pelas mudanças repentinas na rotina familiar (VANZELLI; PALEARI; FABRI, 2021).

No Brasil, a confirmação do primeiro caso de COVID-19 em fevereiro de 2020 levou à adoção de medidas de prevenção e enfrentamento da pandemia principalmente por meios de condições higienistas e afastamento social, como a suspensão de atividades escolares e laborais e a restrição de circulação, repercutindo nas rotinas e nas relações interpessoais (BRASIL, 2020; AQUINO *et al.*, 2020).

Essas transformações afetaram diretamente nas dinâmicas dos lares, intensificando a convivência familiar, a divisão de tarefas e o cuidado com os membros mais vulneráveis. Entre os serviços afetados, destacam-se os Centros de Atenção Psicossocial (CAPS), cujas atividades foram limitadas ou adaptadas, desafiando usuários e familiares no enfrentamento de sofrimento mental. Conforme a Portaria nº 3.088/2011, os CAPS fazem parte da Rede de Atenção Psicossocial (RAPS), atuando com base no cuidado humanizado e multiprofissional, tendo foco na autonomia do paciente e no envolvimento familiar (BRASIL, 2011).

O acesso à atenção em saúde mental é um direito de todos os brasileiros, previsto na Constituição Federal e regulamentado pela Lei nº 10.216/2001, que dispõe sobre a proteção e direitos das pessoas portadoras de transtornos mentais, garantindo atendimento gratuito, assegurando o bem-estar mental, a integridade psíquica, e pleno desenvolvimento intelectual e emocional (BRASIL, 2001).

Contudo, a pandemia impôs novos desafios aos usuários dos CAPS e aos seus familiares, que precisaram reorganizar o cuidado em casa, muitas vezes sem apoio direto dos serviços. A família é fundamental na rede de cuidados, construída com vários atores, levando a crer que o ato de cuidar se constrói por meio do comprometimento e da implicação do outro (COVELO; BADARÓ-MOREIRA, 2015).

Nesse contexto pandêmico, a presença da família tornou-se central. Os lares podem ter sido espaços de acolhimento, mas também de estresse/tensão, distanciamento e aproximação. O confinamento trouxe à tona vivências ambíguas, marcadas tanto por aproximações quanto por conflitos. Assim, compreender como se configurou o cotidiano dessas famílias torna-se fundamental para aprimorar as políticas públicas e práticas em saúde mental.

Sob as lentes da fenomenologia, esse momento pandêmico, pode ter sido oportuno para cada um mostrar-se a si mesmo a partir da subjetividade, a qual é mobilizada pela pessoa que cuida e a que é cuidada. Assim, o cuidado se torna um elemento chave, motivadora das relações, sendo uma verdadeira produção de conhecimento autêntico e criativo que se produz a cada experiência do cuidado (SENA, 2011).

Por tanto, este estudo se fundamenta na fenomenologia da percepção de Maurice Merleau-Ponty, que valoriza a experiência vivida como fonte de conhecimento. A fenomenologia permite acessar os sentidos atribuídos pelos sujeitos às suas vivências, compreendendo a realidade como fenômeno intersubjetivo, ambíguo e encarnado.

Dessa forma, ocorreu-nos a elucidação da seguinte questão norteadora: como o cotidiano familiar de usuários do Centro de Atenção Psicossocial se mostrou durante a pandemia de COVID-19? Como objetivo, propomos descrever o cotidiano familiar de usuários do Centro de Atenção Psicossocial no contexto da pandemia de COVID-19, destacando o papel do cuidado, do vínculo e da resiliência.

MATERIAL E MÉTODOS

Este é um estudo de abordagem qualitativa, e caráter descritivo, fundamentado na fenomenologia da percepção de Maurice Merleau-Ponty. Essa abordagem se concentra nas descrições vivenciais construídas na intersubjetividade, que permite a construção do conhecimento sobre determinados fenômenos (SOARES *et al.*, 2021). Dessa forma, compreender as vivências das famílias de usuários do CAPS II durante a pandemia exigiu um método que acolhesse aspectos subjetivos como sentimentos, emoções e ponto de vista.



A pesquisa foi realizada entre março e junho de 2023, no município de Jequié, Bahia. Os participantes foram usuários e familiares vinculados ao Centro de Atenção Psicossocial II (CAPS II). A coleta de dados ocorreu em três espaços, escolhidos conforme a preferência dos participantes: nas dependências do CAPS II, em domicílios familiares e em salas da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Essa flexibilidade buscou garantir o conforto, a privacidade das narrativas. Além disso, os CAPS são espaços com oferta de serviços à pessoa em sofrimento mental, e os domicílios são espaços propícios à retornarmos às experiências vividas, sendo os domicílios o local que as pessoas passaram mais tempo no contexto da pandemia de COVID-19.

A seleção dos participantes se deu após apresentação do projeto de pesquisa no CAPS II, momento em que os usuários foram convidados a colaborar com o estudo. Inicialmente doze manifestaram interesse, mas apenas três usuários do serviço e três familiares puderam ser incluídos, visto que a participação de pelo menos um familiar era critério de inclusão. Na maioria, os familiares não estavam disponíveis ou houve imprevistos que inviabilizaram a participação conjunta.

Foi mantido contato com os participantes por telefone, WhatsApp e visitas presenciais no local desejado. Após confirmação da participação, foram agendadas entrevistas individuais com cada membro da família (usuário e familiar), em momentos distintos, a fim de evitar influência entre as respostas e preservar a espontaneidade. O instrumento utilizado foi uma entrevista fenomenológica semiestruturada, composta por perguntas sociodemográficas e questões norteadoras da experiência vivida durante a pandemia, promovendo o diálogo e a intersubjetividade.

A entrevista fenomenológica consiste em uma estratégia de construção de intersubjetividade, amparada na compreensão e empatia dos diálogos, que fornecem informações para se fazer vê o essencial (PAULA *et al.*, 2014). Dessa forma, nesse formato de entrevista, a fala dos participantes são valorizando ficando fora os pressupostos

de certo ou errado (SANTOS *et al.*, 2014). Dessa forma, o questionário que elaboramos, possui inicialmente questões sociodemográficas, em seguida, questões norteadoras da entrevista fenomenológica direcionada a familiares e usuários do CAPS II.

As entrevistas foram gravadas, com consentimento, e transcritas na íntegra, e analisadas através Analítica da Ambiguidade, técnica apropriada aos estudos com abordagem fenomenológica por ter como base o referencial teórico filosófico de Maurice Merleau Ponty. Essa técnica permite colher a riqueza dos sentidos implícitos nas falas e desvelar os fenômenos a partir da experiência dos participantes (SENA, 2006; SENA *et al.*, 2010).

A fenomenologia não se restringe apenas a descrição, é uma pesquisa profunda de fundamentos e alicerces, e transcendentalismo. É um método com abordagem abrangente e integrada da visão de mundo, desvelando os fenômenos, e o retorno a si mesmo, buscando as essências, culminado na existência (THÉVENAZ, 2017).

É válido ressaltar que o estudo fenomenológico visa descrever as vivências resultantes da coleta de campo e não as explicar, as vivências e experiências tem como base a percepção, ocorrendo no campo fenomenal, dessa forma, a percepção revela-se como uma experiência ambígua (SENA, *et al.*, 2010; CARVALHO, 2019).

A pesquisa está vinculada ao projeto “Saúde Mental da Família em seu Ciclo Vital durante a Pandemia de COVID-19”, aprovado pelo Comitê de Ética da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, sob o parecer nº 5.423.251/2022. Todos os participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), assegurando o conhecimento sobre os objetivos, riscos e benefícios da pesquisa. Para garantir o anonimato, os participantes escolheram codinomes baseados em nomes de flores, como Lotus, Girassol, Angélica, Tulipa, Camélia e Rosa.



Tabela 1. Caracterização dos Participantes da pesquisa.

CODINOME	SEXO	RELAÇÃO COM O CAPS
Lótus	Feminino	Familiar
Girassol	Masculino	Usuário
Angélica	Feminino	Familiar
Tulipa	Feminino	Familiar
Camélia	Masculino	Usuário
Rosa	Feminino	Familiar

Fonte: Dados da pesquisa (2023).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir da análise das descrições vivenciais, sob a luz da fenomenologia da percepção e da técnica da Analítica da Ambiguidade, revelou-se nuances da experiência familiar de usuários do Centro de Atenção Psicossocial II, no contexto da pandemia de COVID-19, emergindo duas categorias temáticas principais: 1. Ressignificação do cotidiano durante e após a pandemia: a transcendência do com(viver) familiar e 2. (Re)conhecimento e valorização do outro frente às mudanças ocasionadas pela pandemia da COVID-19. Cada uma dessas categorias reflete dimensões ambíguas do cotidiano vivido, nas quais se entrelaçam sofrimento, transformação e cuidado.

Ressignificação do cotidiano durante e após a pandemia: a transcendência do com(viver) familiar

As experiências relatadas revelam que o confinamento, inicialmente marcado por estranhamento, desencadeou reflexões, reorganizações e reaproximações no grupo familiar. A descrição vivencial de Lótus expressa variadas dimensões experiencial vivida no período pandêmico, exemplificando essa ambiguidade:

“[...] Eu estudo o dia todo, todo mundo trabalha ou passa o dia fora e depois ter que passar o dia todo dentro de casa [...] mas depois ficou de boa [...] Eu acho que o que mais mudou foi o cuidado, de sempre estar zelando, de ter que ficar tudo sempre limpinho, ficar tudo certinho [...] eu percebi que a gente sempre tentava se cuidar, avisava para tomar mais cuidado, de lavar sempre

as máscaras e de usar o álcool em gel porque sempre esquecia [...] Oh foi a época que eu mais tentei entender o problema dela, fiquei ajudando mais com os remédios, se ela estava tomando certinho, e ajudo até hoje”. (Lótus)

Observamos a ênfase no cuidado, desde o zelo pelo ambiente, medidas de prevenção até o cuidado que surge com atenção mais intensificada às relações interpessoais, nesse caso sugere um processo de reflexão e compreensão do bem-estar do outro. Percebemos certa evolução ao longo do tempo, passando de uma fase desafiadora para uma situação mais tranquila que contribuiu para a resignificação da situação vivida. Nesse sentido, é reafirmado que foi um momento oportuno para cada um mostra-se a si mesmo, sendo o cuidado mediador dessas experiências (SENA, 2011).

Lótus deixa claro a transformação da percepção de um ambiente forçado de convivência em um espaço de vínculo e afeto. A fenomenologia ajuda a entender essa mudança como um movimento do corpo perceptivo que, diante do outro, reconhece-se também em processo de cuidado, consigo e com o mundo (MERLEAU-PONTY, 2003).

A descrição vivencial de Girassol também revela ambivalência entre a sensação de aprisionamento e a redescoberta do sentido familiar:

“[...] Nós ficamos mais enclausurados, durante a pandemia nós ficamos privados de tudo, limitados, até mesmo de sair da nossa própria casa, que para nós era um “Porto Seguro” era ficar dentro de casa, não é? [...] eu percebi que mediante a gente se fechar mais, no sentido de estar mais junto, eu particularmente revi alguns

conceitos, até mesmo de valores que talvez eu tenha perdido em questão de família [...]” (Girassol).

Nesse sentido, a pandemia contribuiu no resgate de valores que estavam esquecidos. Pela ótica Merleau-Pontyana, a existência se revela como abertura ao outro, e o com(viver) familiar se transforma em possibilidade, nesse caso de transcendência como pessoa, pai e esposo (MERLEAU-PONTY, 2003).

O grupo familiar foi enaltecido como “lugar de pertença e reconhecimento”, sendo um espaço onde se desvela uma rede de interações, onde o cuidar e o ser cuidado está presente, permitindo construir novas formas de estar no mundo, de desinstalar-se, de promover diálogos e “encontros potencializadores de vida” (CARVALHO; BOSI, 2016, p. 206).

Angélica, por sua vez, descreveu alterações do cotidiano no que se refere ao tempo destinado à oração que se tornou reduzido e escasso, ao mesmo tempo em que transcendeu em atitude de zelo e desvelo pelo familiar que necessitava de cuidado, Angélica ressignificou sua espiritualidade em um momento desafiador ao afirmar:

“[...] Eu vou te contar, parece que eu fiquei sem tempo de rezar, porque cuidando de muitas coisas assim, de ficar dentro de casa, de por mim largava tudo aí, (risos) e ia rezar longe, mas agora minha vida já é uma oração [...] Deus me abençoe cada vez mais porque eu vivo para servir, cuida dessa cabeça pai” (Angélica).

Seu corpo em ação, como cuidadora tornou-se a própria expressão da fé, abdicando de suas vontades em prol do bem-estar do outro, exemplificando o que Merleau-Ponty chama de entrelaçamento entre o vivido e o significado. O cuidado, nesse caso, é gesto de espiritualidade encarnada (MERLEAU-PONTY, 2003; SENA *et al.*, 2010).

(Re)conhecimento e valorização do outro frente às mudanças ocasionadas pela pandemia da covid-19

Essa categoria revela os processos de reconhecimento afetivo, a partir da vivência do cuidado e da alteridade no contexto da pandemia, pois, o mesmo período que afastou as pessoas, principalmente pelas

medidas de distanciamento, foi o mesmo que possibilitou enxergar, sentir e expressar sentimento em relação à família, como revela as descrições vivenciais.

Tulipa expressa gratidão, mas também tensiona os papéis de gênero, destacando expectativas sociais em relação ao papel da mulher como a principal agente do cuidado:

“[...] Eles cuidavam, botavam água pra eu tomar banho, fazia mingau para mim, faziam chá, eles cuidavam de mim, mas um homem não cuida de uma mulher como uma filha cuida [...] minha filha veio de São Paulo cuidar de mim. Quando ela soube que eu estava doente, ela veio[...] Não foi só minha filha que cuidou de mim, uma colega minha também cuidou de mim” (Tulipa).

A fala revela um saber culturalmente compartilhado: a percepção estereotipada de gênero relacionada aos papéis de cuidado socialmente atrelados às mulheres, um pensamento que é enraizado e naturalizado pela cultura. As mulheres continuam sendo socialmente atribuídas à tarefa do cuidado familiar, o que pode reforçar vínculos, por outro lado gerar sobrecarga (WEGNER, 2010).

Por outro lado, o cuidado que Tulipa recebeu, aflorou sentimentos de importância, valorização, e reconhecimento de que foi bem cuidada e acolhida pelo outro, essencial para enfrentamento de momentos desafiadores.

Dessa forma, podemos relacionar a ideia de corpo próprio de Merleau-Ponty, que une os pólos da ambiguidade humana, onde existe interligação entre intuições e sensações, corpo biológico e espiritual, do imanente ao transcendente. Além disso, corrobora a noção de que o corpo não é uma massa inerte, é vivo, sente e age de maneira própria (FRANCO; SANTOS; CAMINHA, 2020; MERLEAU-PONTY, 2023).

Camélia, filho de Tulipa, reconhece a dedicação da mãe, revelando um cuidado dedicado e sensível, que demonstra a profundidade do laço materno; ao mesmo tempo, Camélia desvela o sentimento de dependência afetiva que impacta nas atividades cotidianas:

“[...] Minha mãe, às vezes, de vez em quando, saía pra ir no supermercado e depois ela voltava, às vezes também quando ela ia [...] sair num lugar



assim, ela nem gostava porque ficava preocupada comigo e nem ia muito [...] eu sou uma pessoa bem cuidado [...] minha mãe me trata bem, me dá remédio na hora certa 8h da manhã 8h da noite [...] (Camélia).

Para Camélia, sua mãe (Tulipa) simboliza cuidado, afeto e amor. A família representa um núcleo de integração do ser humano, o qual deve ser buscado e abordado devido à importância e necessidade deste no cuidado em saúde mental, como forma de inclusão e participação nos processos de reabilitação e em momentos de desafios como vivido pela pandemia de Covid-19 (SILVA, 2006).

A relação entre eles evidencia o cuidado como experiência de presença e corporeidade. O corpo da mãe, em sua rotina e atenção, torna-se lugar de sentido e acolhimento, onde o outro é reconhecido como importante não só funcionalmente, mas existencialmente.

Rosa traz uma dimensão espiritual no enfrentamento da ansiedade da família. A fé surgiu como uma grande aliada de força e resiliência mediante as dificuldades, fez das restrições de saída um momento para conexão grupal e ajuda mútua, destacando que em meio ao período desafiador, foi possível influenciar positivamente na dinâmica familiar, contribuindo para vivências de compartilhamento de carinho, cuidado e diálogo.

[...] Teve um tempo que ele ficou muito ansioso (esposo Girassol). Tanto ele quanto minha filha, a mais velha, é muito ansiosa, é meio parecida com ele. [...] a gente tentava conversar, né? Eu sou mais assim [...] eu tenho mais fé, sabe, que não deixo me abalar por muitas coisas assim [...] eu confio muito em Deus e se tá acontecendo tudo isso, Porque Deus está permitindo, né? [...] Ficava um pouco abalada, mas minha fé, minha força vem de Deus né? [...] é ruim porque a gente não podia sair, né? Não tinha como sair [...] fazer aglomeração aí tive que ficar em casa mesmo [...] hoje é mais carinho né? (Rosa)

Diante dessa vivência, percebemos como as pessoas passaram a desenvolver variadas formas de cuidado em meio às adversidades. Rosa se viu à frente de dois membros do grupo familiar com alteração do estado emocional, e não mediu esforços para fortalecer os laços familiares. Esse momento também foi atravessado por

práticas de fé, atuando como resistência emocional e fonte de resiliência.

A vivência dos sentimentos citados em meio às adversidades surgiu em meio a insistência de Rosa em não deixar a ansiedade tomar conta de seus familiares, e desvelou a capacidade da família de suscitar a relação de reconhecimento do outro, gerando outros por meio do “dinamismo dos afetos, expressão dessa abertura transcendente e dinâmica do ser humano, que os desejos traduzem bem” (FORNASIER, 2016, p. 106).

As vivências aqui analisadas nas duas categorias, revelam que o cuidado, em tempos de crise, ultrapassa práticas técnicas e se torna um modo de ser com o outro. A experiência pandêmica emergiu transformações subjetivas que se expressam no cotidiano familiar, nas tensões e nas superações. Pelas lentes da fenomenologia, essas vivências não são apenas fatos, são fenômenos, que revelam como o sofrimento e a convivência podem gerar novos sentidos, valores e vínculos.

CONCLUSÃO

O presente estudo revelou, por meio de uma abordagem fenomenológica, as vivências ambíguas de famílias de usuários do Centro de Atenção Psicossocial II (CAPS II) no contexto da pandemia de COVID-19. Os relatos analisados permitiram compreender que, embora o período tenha sido marcado por desafios, incertezas e sofrimento emocional, também possibilitou ressignificações, aproximações e transformações subjetivas importantes no seio familiar.

Desvelaram-se vivências que alternaram entre sentimentos de angústia e acolhimento, cansaço e espiritualidade, sobrecarga e fortalecimento de vínculos, ressaltando maior proximidade consigo e com os outros mediante as adversidades.

As famílias tiveram que adaptarem-se às restrições e se reorganizarem, muitas vezes assumindo o cuidado total dos usuários dos serviços de saúde mental, mesmo sem preparo técnico ou suporte institucional. Ainda assim, essas experiências foram atravessadas pelo afeto, empatia e reconstrução de laços que fortaleceram o processo de cuidado e pertencimento.

Sob a lente da fenomenologia Merleau-Pontyana, as relações familiares vividas no período pandêmico evidenciam a corporeidade do cuidado: o gesto, a presença

e o afeto como meios de perceber e transformar o mundo. As vivências expressaram adaptação, mas também transcendência, levando o sujeito para além de si, em direção ao outro. O corpo, como expressão da subjetividade, foi o veículo da escuta, da empatia e do acolhimento, permitindo a produção de novos sentidos existenciais mesmo diante do caos pandêmico.

Esse estudo contribui para ampliar a compreensão da importância da família como núcleo afetivo, terapêutico sendo indispensável na atenção psicossocial, especialmente em contextos de crise, como o vivido recentemente. Aponta-se, portanto, a urgência de fortalecer políticas públicas e práticas clínicas que promovam o protagonismo da família nos processos de cuidado em saúde mental. A pandemia escancarou não só as fragilidades do sistema, mas também o potencial

transformador das relações interpessoais quando mediadas pelo cuidado e pela solidariedade.

Propõe-se que os CAPS e demais dispositivos da RAPS ampliem seus espaços de escuta e suporte às famílias, incluindo estratégias remotas e presenciais, com ênfase no vínculo, na corresponsabilização e na educação em saúde. Investir em ações de acolhimento familiar, e acompanhamento longitudinal que pode favorecer a continuidade do cuidado, prevenir rupturas e minimizar os impactos psicossociais em emergências sanitárias.

Por fim, espera-se que esta pesquisa inspire novas investigações e práticas centradas na experiência vivida, contribuindo para a construção de uma saúde mental mais sensível às subjetividades, às ambivalências e à realidade concreta das famílias brasileiras.

REFERÊNCIAS

AQUINO, Estela L. M. *et al.* Medidas de distanciamento social no controle da pandemia de COVID-19: potenciais impactos e desafios no Brasil. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 25, n. 1, p. 2423-2446, 2020.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Portaria 1.565, de 18 de junho de 2020**. Estabelece orientações gerais visando à prevenção, ao controle e à mitigação da transmissão da COVID-19, e à promoção da saúde física e mental da população brasileira. Brasília, 2020.

BRASIL. **Portaria nº 3.088, de 23 de dezembro de 2011**. Institui a Rede de Atenção Psicossocial para pessoas com sofrimento ou transtorno mental e com necessidades decorrentes do uso de crack, álcool e outras drogas, no âmbito do Sistema Único de Saúde (SUS). Brasília, Distrito Federal, 2011.

BRASIL. Ministério da Saúde. Brasil. **Saúde Mental e Atenção Psicossocial na Pandemia COVID 19: Recomendações para Gestores**. FioCruz. Brasília. 2020/04. [acesso em 24 abr de 2020].

CARVALHO, Patrícia Anjos Lima de. Autonomia, Empoderamento e Reinserção Social na Experiência de Famílias que Vivenciam o Sofrimento Mental. Bahia. Disponível em:

http://www2.uesb.br/ppg/ppges/wpcontent/uploads/2021/02/CARVALHOPatr%C3%ADcia-Anjos-Lima-de.-TeseUESB_2019.pdf. Acesso em: 8 set. 2023.

CARVALHO, Patrícia Anjos Lima de *et al.* Cuidado humano à luz da fenomenologia de Merleau-Ponty. **Texto & Contexto-Enfermagem**, v. 28, 2019. DOI: <https://doi.org/10.1590/1980-265X-TCE-2017-0249>.

COVELO, Bárbara Souza Rodriguez; BADARÓ-MOREIRA, Maria Inês. Laços entre família e serviços de Saúde Mental: a participação dos familiares no cuidado do sofrimento psíquico. **Botucatu**, v 19, n. 55, p. 1133-1141, 2015.

FRANCO, Marcel Alves; SANTOS, Luiz Anselmo Menezes; CAMINHA, Iraquitã de Oliveira. Subjetividade, corpo e intercorporeidade a partir da fenomenologia de Merleau-Ponty. **HOLOS**, v .8. p. 1-13, 2020.

MERLEAU-PONTY, M. **O visível e o invisível**. 4 ed. São Paulo: Perspectiva, 2003. 271p.

LI, Zhenyu *et al.* Vicarious traumatization in the general public, members, and nonmembers of medical teams aiding in COVID-19 control. **Brain, Behavior and**



- Immunity**, 2020. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.bbi.2020.03.007>.
- PAULA, Cristiane Cardoso *et al.* Modos de condução da entrevista em pesquisa fenomenológica: relato de experiência. **Rev Bras Enf [online]**, v. 67, n. 3, p. 468-472, 2014 [Acessado 15 Setembro 2023], p. Disponível em: <https://doi.org/10.5935/0034-7167.20140063>. ISSN 1984-0446.
- SANTOS, Diego Alexsander Silva dos *et al.* Vivência da entrevista fenomenológica com adolescentes grávidas: relato de experiência. **Revista Augustus**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 38, p. 29-35, mar. 2014.
- SENA, Edite Lago da Silva *et al.* A intersubjetividade do cuidar e o conhecimento na perspectiva fenomenológica. **Rev Rene**, Fortaleza, v. 12, n. 1, p. 181-188, 2011.
- SENA, Edite Lago da Silva. **A experiência do outro nas relações de cuidado: uma visão merleau-pontyana sobre as vivências de familiares cuidadores de pessoas com doença de Alzheimer**. 2006. Tese (Doutorado em Enfermagem) - Programa de Pós-graduação em Enfermagem, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2006.
- SENA, Edite Lago da Silva *et al.* Analítica da ambiguidade: estratégia metódica para a pesquisa fenomenológica em saúde. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, Porto Alegre, v. 3, n. 4, p. 769-75, 2010.
- SILVA, Sonia Maria Costa da. **Participação da família na assistência ao portador de transtorno mental no CAPS**. 2006. Dissertação (Mestrado em Enfermagem) - Curso de Pós Graduação em Enfermagem, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2006.
- SOARES, C. de J. *et al.* Inclusão da família na reabilitação psicossocial de consumidores de drogas: cuidar e ser cuidada. **Enfermagem em Foco**, v. 12, n. 1, 2021.
- THÉVENAZ, Pierre. O que é a fenomenologia? Parte 2, a fenomenologia de Heidegger. *Reflexão*, [S. l.], v. 42, n. 1, p. 135-143, 2017.
- UNA-SUS-Universidade Aberta do SUS. Coronavírus: Brasil confirma primeiro caso da doença. 2020. Disponível em: <https://www.unasus.gov.br/noticia/coronavirus-brasil-confirma-primeiro-caso-da-doenca#:~:text=O%20Minist%C3%A9rio%20da%20Sa%C3%BAde%20confirmou,para%20It%C3%A1lia%2C%20regi%C3%A3o%20da%20Lombardia>.
- VANZELLI, Sílvia Regina Cassan Bonome; PALEARI, Ana Paula Gasparotto; FABRI, Ellen Cristina. COVID-19: reflexões sobre o isolamento social pela perspectiva da psicologia fenomenológico-existencial. **Brazilian Journal of Development**. Curitiba v. 7, n. 8, p. 85143-85157, 2021.
- WEGNER, Wiliam; PEDRO, Eva Neri Rubim. Os múltiplos papéis sociais de mulheres cuidadoras-leigas de crianças hospitalizadas. **Rev Gaúcha Enferm.**, Porto Alegre (RS), v. 31, n. 2, p. 335-342, jun. 2010.